

Negritude em Solano Trindade

Flávio Vieira Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: flaviusvieirasousa@gmail.com

Cássio Roberto Borges da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: cassioroberto.borges@uesb.edu.br

115

Palavras-chave: Negritude. Identidade negra. Aimé Césaire. Frantz Fanon. Achille Mbembe

INTRODUÇÃO

O poema “Sou Negro”, de Solano Trindade, foi publicado pela primeira vez em 1958, em *Seis Tempos de Poesia*. No texto, o narrador rememora a história de seus antepassados, referindo-se à vida no continente africano, à vinda forçada para a América e à resistência à escravidão. Esse trabalho propõe analisar as possibilidades de articulação entre essa composição e o conceito de *negritude* elaborado por Aimé Césaire. Nossa hipótese de leitura é que, em Trindade, assim como em Césaire, a exaltação da identidade negra manifesta-se como um elemento nuclear na luta antirracista, configurando-se como uma forma de enfrentamento das ideologias de “branqueamento” difundidas, nas Américas, desde fins do século XIX. Como apontam, entretanto, Frantz Fanon (2008) e Achille Mbembe (2014) a afirmação da identidade negra, ainda que se evidencie sob a perspectiva de uma etapa decisiva na luta contra o racismo, não implica a superação definitiva do conceito de raça.

Essa parece ser uma questão decisiva quando retomamos a discussão a propósito do conceito de *negritude* em Césaire, assim como a leitura do poema de Solano Trindade. A pesquisa justifica-se pela relevância de seu objeto, “Sou Negro”, para compreender a importância da identidade negra no combate ao racismo e pela necessidade de superar o conceito de “raça”.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

Para a realização desse estudo adotou-se uma abordagem qualitativa, focada na análise textual e na interpretação crítica. A seleção do poema justifica-se por sua relevância no contexto da obra do autor. Extraímos do *Discurso sobre a Negritude* elementos que favorecem uma legibilidade da obra de Trindade focada na articulação com frentes de resistência antirracista que se consolidaram durante o século XX, sobretudo, em sua segunda metade: a vertente francófona com os poetas e militantes antilhanos; as lutas pelos direitos civis nos EUA e a organização do movimento negro no Brasil, nos anos 70. Para embasar a análise, realizamos a leitura de diversos textos, entre eles: *Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica* (Domingues, 2005); *Outras histórias de Pai João* (Abreu, 2004); *A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus de Recife* (Silva, 2011); *O Quilombo dos Palmares* (Carneiro, 1958); *Quilombo: resistência ao escravismo* (Moura, 2021); *Cantares ao meu povo: a poesia de Solano Trindade como Movimento Social Negro (Rio de Janeiro, 1944 – 1961)* (Santos, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Aimé Césaire, a *negritude* é uma atitude de enfrentamento ao racismo e uma maneira de viver a história singular dos povos africanos e dos afrodescendentes. Ela é rejeição da opressão, luta contra a desigualdade e revolta contra as estruturas racistas. Ele argumenta que a *negritude*, concebida simultaneamente como ação política e como elaboração estética, revela-se como condição imprescindível para a reapropriação do presente, para a reformulação da história e para a construção de um futuro mais justo. Césaire destaca que a *negritude* foi concebida como reação teórica, política, social, estética e cultural às formas hegemônicas de produção de saber e de controle social, formas estruturalmente racistas (Almeida, 2018). Ela está intrinsecamente ligada à luta dos grupos sociais que foram, historicamente, submetidos à violência, à discriminação e à opressão. A *negritude*, entretanto, como celebração de uma identidade cultural e histórica, não deixa de considerar

Realização:



Apoio:



os riscos relativos ao essencialismo, reconhecendo a pluralidade dos grupos sociais estigmatizados por forças hegemônicas.

Nesse poema de Trindade, destaca-se a valorização da identidade negra, algo que fica evidente já no título do texto. Nele, práticas culturais concebidas como elementos emblemáticos para a cultura afrobrasileira ganham destaque: “[...] minh’alma recebeu o batismo dos atabaques, gonguês e agogôs [...]” (Trindade, 2011, p.16). A referência à herança cultural africana alinha-se com a ideia de Césaire de que a *negritude* deve ser uma forma de elaborar uma contranarrativa histórica capaz de colocar em evidência a visão da população negra, uma visão refratária em relação à perspectiva europeia. A menção ao Quilombo dos Palmares e à revolta dos Malês, por exemplo, emergem no poema como memória de resistência contra a opressão e a violência, contra a exploração e marginalização:

Contaram-me que meus avós
vieram de Luanda
como mercadoria de baixo preço [...]
Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi [...]
Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês [...] (Trindade, 2011, p.16)

Ao tematizar a diáspora e a resistência de seus antepassados, o poeta esquivava-se de uma poética centrada numa perspectiva individualista, investindo em uma dimensão política. Cada verso implica em um impacto político imediato, pois está intimamente ligado à luta pela liberdade de um povo. Ao enunciar o seu “desejo de liberdade”, herança das lutas travadas por seus antepassados, o locutor conecta o passado ao presente, não apenas lembrando a violência pretérita, mas denunciando também o cenário de opressão que caracteriza, na sua atualidade, as estruturas da sociedade brasileira. Vale lembrar que, naquele momento, meados do século XX, a sociedade brasileira apenas começava a esboçar a reformulação cordial de suas narrativas a propósito da formação étnica e cultural do país, momento em que se difundia, nos termos de Abdias do Nascimento, o “mito da democracia racial”. Para ele, esse mito mascara a realidade do racismo no Brasil, que não seria “tão obvio como [...] nos Estados Unidos e nem legalizado qual o *Apartheid* na África do sul” (Nascimento, 1978, p.93), mas tão violento e destrutivo quanto nesses países.

A poesia de Trindade coloca em evidência a necessidade de uma transformação substancial nas relações de força que configuram a sociedade brasileira, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista da produção do conhecimento. Como aponta Mbembe (2014), ao examinar a posição de Césaire, a subversão do sentido depreciativo do termo “negro” constitui-se como um passo elementar, como anúncio de uma reação e como “transfiguração” das relações de força:

Substantivo transformado em conceito, o «Negro» torna-se o idioma pelo qual as pessoas de origem africana se anunciam ao mundo, se mostram ao mundo e se afirmam como mundo recorrendo à sua força e ao seu próprio génio. Este grande momento de aparecimento para a vida universal - «grande meio-dia», dirá Césaire - reveste, de imediato, o triplo traço de uma anunciação, de uma transfiguração e de uma denúncia. (Mbembe, 2014, p.83-84)

Se a exaltação da *negritude* é vista como etapa fundamental na luta contra o racismo, como já apontamos, Césaire, Fanon e Mbembe alertam para a necessidade de “desnaturalizar” a “raça”, para a necessidade de superar definitivamente o conceito de “raça”, uma vez que se trata de uma “ficção” engendrada no bojo do imperialismo europeu a fim de justificar os empreendimentos políticos e econômicos do colonialismo. Como afirma Mbembe: “[...] a raça não existe enquanto facto natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projecção ideológica [...]” (Mbembe, 2014, p. 26-27). No enfrentamento ao racismo, Mbembe insiste na necessidade de ampliar esse horizonte de autoafirmação até um limite radical de desracialização, trata-se, pois, de uma proposição que implica a superação definitiva do signo racial, assim como a libertação de relações sociais estruturadas pelo racismo. Como propunha Fanon: “[...] trata-se de deixar o homem livre” (2008, p.26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões de Césaire, Fanon e Mbembe reivindicam uma desnaturalização da raça, isto é, a superação do signo racial e das relações de força racializadas. Portanto, se a valorização da *negritude* é crucial para o combate à discriminação racial, ela deve ser compreendida como ação tática que visa um horizonte de superação da raça e do racismo.

Podemos observar que o poema “Sou Negro” de Trindade dialoga com algumas premissas da *negritude*, defendendo a afirmação da identidade negra, a resistência ao colonialismo, a documentação da história e da cultura das populações negras. A vocação política transforma a literatura de Trindade em máquina de resistência, produzindo luta por reparação e exigência por justiça social.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Outras histórias de Pai João: conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950. *Afro-Ásia*, n. 31, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21076>. Acesso em: 3 nov. 2023.

ALMEIDA, S L D. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1958.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DOMINGUES, P J. Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, 25-40, 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/21>. Acesso em: 3 nov. 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. Teresina: Eduespi, 2021.

NASCIMENTO, A D. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978.

SANTOS, O S D. **Cantares ao meu povo: a poesia de Solano Trindade como Movimento Social Negro (Rio de Janeiro, 1944 – 1961)**. Tese de doutorado – Salvador: UFBA, 2021.

SILVA, L. D. A corte dos reis do Congo e os maracatus de Recife. **Ciência & Trópico**, V. 27, n. 2, 2011. Recuperado de <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/712>

TRINDADE, S. **Canto Negro**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2011.